

O Remédio e a bula: a memória involuntária e o olfato em *Cloro*, de Alexandre Vidal Porto

José Luiz Cordeiro Dias Tavares*

Elizabeth Cardoso**

Resumo

Este artigo propõe analisar o romance *Cloro* de Alexandre Vidal Porto tendo, como referência, o conceito de memória involuntária de Walter Benjamin assim como as reflexões de Gagnebin sobre o tema e contando, ainda, com o auxílio de algumas noções freudianas sobre a memória. O romance nos apresenta Constantino, personagem principal cuja existência é marcada por conflitos relacionados à sua sexualidade em relatos nos quais sobressaem diversos odores que pontuam sua história de vida por meio de lembranças que ocupam o centro da narrativa.

Palavras-chave: *Cloro*; Memória; Walter Benjamin; Sigmund Freud; Alexandre Vidal Porto.

Romance e memória

A memória e seus meandros são matéria prima para os romancistas constituírem suas narrativas em tema e forma. A gramática da memória sustenta o contar, visto que o narrador nunca cessa de rememorar. Desde a cena da cicatriz de Ulisses passando pelas lembranças do crime de Raskólnikov até as lembranças de Swann e suas *madeleines*, que instituíram a memória, rememorar é o modo de articular a trama.

Na literatura contemporânea a memória se coloca como tema, como forma e discussão do lembrar, do esquecer, do documentar e do recontar. São muitos os romances que buscam a memória do trauma (coletivo ou individual) e

* Psicanalista; Mestrando no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. E-mail: jltavares2016@gmail.com

** Professora Doutora no Programa de Estudos Pós-graduados em Literatura e Crítica Literária da PUC-SP. E-mail: edpcardoso@pucsp.br

os que enfocam a memória de si com a autoficção. Em literatura, narrar e lembrar são gestos que se articulam na palavra poética. Desde o memorialismo de Pedro Navas à autoficção de Bernardo Kucinski e Julian Fuks, como bem indica Schollhammer (2009) em seu breve histórico sobre a literatura brasileira contemporânea.

O romance *Cloro* (2018) de Alexandre Vidal Porto reafirma a tendência. Escritor e diplomata brasileiro, vencedor do Prêmio Paraná de Literatura com seu livro de estreia, *Sérgio Y. vai para a América* (2014) também escreveu *Matias na cidade* (2005) Conforme relato do escritor ao jornal Suplemento Pernambuco, em 2018, *Cloro* é seu trabalho mais autobiográfico.

Nunca havia escrito sobre um homem homossexual reprimido – coisa que eu, por quase três décadas, fui. Contar essa história me obrigou a revisitar várias experiências intensas de minha infância, por exemplo. Experimentei um desgaste emocional que não tinha enfrentado nos meus livros anteriores. Constantino e eu nascemos no mesmo ano. Ele era uma pessoa que eu poderia ter sido, mas não fui.

A narrativa traz a história de Constantino Curtis, homem de meia idade que assume sua sexualidade tardiamente e assim caminha no limiar entre a ficção e o relato pessoal do escritor, afirmando o espelhamento de sua trajetória pessoal no romance. Trata-se de alguém que, apesar de aparentemente ter tudo

sob controle em sua vida, é surpreendido pelo desejo reprimido que, como tal, o acomete nas malhas do inesperado. Sua narrativa memorialística apresenta sua trajetória acionando memórias involuntárias que são articuladas, em muitos momentos, por odores.

Tal associação do narrador nos remete ao texto, *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, de Benjamin (2000) que traz uma citação do poeta citado no título: “Perdeu a doce primavera o seu odor!” e segue dizendo que “o odor é o refúgio inacessível da *mémoire involontaire*” (BENJAMIN, 2000, p. 135). Dificilmente o odor se vincula a uma imagem visual. Entre todas as impressões sensoriais o odor irá se associar, apenas, ao mesmo odor. Benjamin considera que se o privilégio de confortar é próprio do ato de reconhecer um perfume, é talvez porque embote profundamente a consciência do fluxo do tempo. Em *A Imagem de Proust*, ele nos diz que “o odor é o sentido do peso para quem lança sua rede no oceano do *temps perdu*” (BENJAMIN, 1985b, p. 49). Tal afirmativa-síntese faz ecoar o projeto narrativo da memória involuntária em *Cloro*, aspecto que este artigo desenvolverá nos parágrafos que se seguem.

Vamos iniciar discutindo o conceito de memória involuntária de Benjamin. Abordaremos também alguns postulados da psicanálise freudiana sobre a memória que dialogam com seu olhar sobre

esta questão. Incluiremos aqui também Gagnebin em suas considerações que aproximam Benjamin e Proust. Na sequência apresentaremos a análise do romance com o apoio destes conceitos.

Memória involuntária e o odor que faz lembrar

O conceito de mimese é fundamental para a reflexão estética. Benjamin elabora suas reflexões a respeito desse conceito em articulação com suas proposições acerca da filosofia da linguagem sobre a qual escreveu alguns ensaios que podem ser reunidos em dois grupos: escritos inspirados pela cultura judaica sobre a linguagem em geral e a tarefa do tradutor e, a seguir, alguns escritos pertencentes à sua fase materialista intitulados *A doutrina das semelhanças* (1985a) e *Sobre a capacidade mimética* (1970). Para ele, e seguindo a leitura de Gagnebin (1993), há dois aspectos principais da atividade mimética humana: a capacidade de reconhecer e a de produzir semelhanças sendo, esta última, decorrente de sua possibilidade de reagir às já existentes no mundo.

Entretanto, tais semelhanças não permaneceram imutáveis e eternas no decorrer dos séculos levando-o a propor que exista uma história da capacidade mimética na qual semelhanças são descobertas e pormenorizadas pelo conhecimento humano de maneiras dife-

rentes, de acordo com as épocas. Assim, se pensarmos em todas as semelhanças possíveis, o que reconhecemos hoje é só uma parte delas, como a ponta de um iceberg. Para Benjamin, a capacidade mimética humana não desapareceu em função de uma maneira de pensar abstrata e racional, mas se refugiou e se concentrou na linguagem e na escrita.

Habitualmente, tende-se a considerar que a imagem de uma coisa é a sua cópia, o que equivaleria dizer que a noção de semelhança se estrutura em termos de identidade, ou seja, dois objetos seriam semelhantes entre si quando compartilhassem alguns mesmos traços. Benjamin, entretanto, propõe que a semelhança independe de uma comparação entre elementos iguais, pois deve incluir a presença da figuração simbólica no processo. Em sua teoria, a atividade mimética é sempre uma mediação simbólica e não se limita a uma simples imitação, trata-se de uma proposição que se articula com a noção de memória involuntária no que se refere à busca das semelhanças como um processo que não pode ser confundido com a busca da identidade. Para Benjamin, a memória involuntária se articula mais ao esquecimento do que à memória tradicional já que esta se apega mais ao esforço da consciência que procura reter o passado na sua identidade (GAGNEBIN, 1993). Tomando Proust como referência, Benjamin diz que o romancista francês não

descreveu em sua obra uma vida como ela de fato foi mas uma vida rememorada por quem a viveu. O que importa aqui, diz Benjamin (1985b), é o tecido de sua rememoração, como um exercício de reminiscências.

Para Benjamin, o passado é realmente passado ou, como diz Proust, perdido,

[...] ele não volta enquanto tal, mas só pode ressurgir, diferente de si mesmo e, no entanto, semelhante, abrindo um caminho inesperado nas camadas do esquecimento (GAGNEBIN, 1993, p. 83).

Se há uma retomada do passado, este nunca volta da mesma forma, na repetição de um passado idêntico.

Ao ressurgir no presente ele não é mais o mesmo, ele se mostra como perdido e, ao mesmo tempo, transformado por este ressurgir; o passado é outro e, no entanto, semelhante a si mesmo (ibid., 1993, p. 83).

O que Benjamin enfatiza aqui é que essa busca das semelhanças não pode ser confundida com a busca da identidade, pois o modelo dessa busca é o mundo do inconsciente. Para ele, os acontecimentos não são nunca idênticos, mas semelhantes a si mesmos de tal forma que essa não coincidência “também atinge o presente que pode deixar de ser o mesmo para se tornar também outro, novo, futuro verdadeiro” (ibid., 1993, p. 83).

Ao desenvolver o conceito de memória involuntária, Benjamin traz à cena as semelhanças que não são tributárias do mundo sensível. Refere-se ele a seme-

lhanças não sensíveis que são relacionadas com o que jaz no leito mais profundo da psique e articula a faculdade mimética com elementos sutis e singulares na evocação de correspondências. Nesse sentido, surge a relação deste conceito com elementos da psicanálise freudiana quanto à lógica não da identidade, mas da semelhança, ou seja, uma concepção nunca identitária do sujeito e da consciência. No fluxo deste processo se dá, portanto, um fazer e desfazer lúdico e figurativo, associado ao movimento da metáfora.

Desta forma, a dimensão temporal consistiria mais na contiguidade do que na linearidade, ou seja, um ao lado do outro e, não, um depois do outro. Nessa descontinuidade fundamental há momentos privilegiados em que ocorrem condensações, isto é, reuniões entre dois momentos antes separados e que se juntam para formar uma nova intensidade possibilitando a eclosão de um verdadeiro outro (GAGNEBIN, 1993). Em *Cloro* (PORTO, 2018), o cheiro ocupa esta função de elemento de conexão com as marcas psíquicas do desejo de Constantino operando por semelhanças não-sensíveis de elementos não-idênticos fazendo com que, ao longo do romance, no percurso que ele vai seguindo vai também surgindo um outro Constantino, um outro mais autêntico.

Em *Sobre o conceito da história*, Benjamin (1985c) argumenta que articular

historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Trata-se aqui de apropriar-se de uma reminiscência. Para ele, o historicismo se limita a estabelecer uma relação de causalidade entre diferentes momentos da história. Entretanto, nenhum fato, apenas por ser considerado como causa, deve ser tido como um fato histórico. Para ele, um fato se transforma em histórico em um momento póstumo, em decorrência de acontecimentos que podem estar separados do fato original por longos intervalos de tempo. Benjamin considera que a história é objeto de uma construção cujo lugar não é um tempo vazio mas preenchido pelo tempo de agora. Portanto, o passado é articulado e, não, descrito (ibid., 1985c).

Em *Lembrar escrever esquecer*, Jeanne Marie Gagnebin (2006) resgata estas reflexões benjaminianas acerca do processo de articulação histórica do passado para tecer considerações acerca dos rastros e da memória. A autora nos lembra que para a filosofia, assim como para a psicologia, a noção de rastro encerra certa complexidade ao manter, juntas, a presença do ausente e a ausência da presença. O rastro, diz ela, inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que contém o risco de se apagar definitivamente. Desta forma, Gagnebin ressalta “o liame entre rastro e memória, de Aristóteles a Freud, passando por Santo Agostinho e Proust” (ibid., 2006, p. 43-44). Para a autora,

[...] a memória vive essa tensão entre a presença e a ausência, presença do presente que se lembra do passado desaparecido, mas também presença do passado desaparecido que faz sua irrupção em um presente evanescente (ibid., 2006, p. 44).

Trazendo estas considerações para o contexto da obra em análise neste artigo e adicionando algumas considerações sob a luz da psicanálise, cabe comentar o entendimento de Freud acerca da memória. Trata-se de uma questão que o preocupa desde muito cedo. Em *Projeto para uma psicologia científica*, desenvolvido em 1895, ele diz que uma teoria psicológica digna de consideração deve apresentar uma explicação para a memória (FREUD, 1975). Para isso, uma teoria que aborde a passagem dos estímulos pelas vias neuronais e que inclua as noções de barreiras de contato e de facilitação entre neurônios deve ser convocada. Para ele, a memória seria a possibilidade de um determinado estímulo percorrer mais de uma vez as mesmas vias neuronais facilitadas (ibid., 1975).

Entretanto, nesta mesma época, Freud elabora sua hipótese acerca do mecanismo psíquico ter se formado por um processo de estratificação no qual os traços de memória ficariam sujeitos a reorganizações periódicas de acordo com as novas circunstâncias, ou seja, uma retranscrição (MASSON, 1986). Neste processo, haveria diferentes níveis de registro que reordenariam periodicamente

as representações de acordo com novos princípios associativos. Desta maneira, a relação entre a representação e os estímulos que incidem sobre o sistema nervoso se mantém presente porém vai se tornando, progressivamente, indireta.

Cabe ressaltar nossa concordância com Freud quando estabelece que a memória não é um arquivamento de fatos, mas um produto da constante elaboração, pelo sujeito, das experiências vividas. Como comentado acima, a memória ocupa lugar de destaque no percurso investigativo de Freud desde o início. Para ele, o aparelho psíquico não existiria sem a memória (FREUD, 1975) e tudo o que acontece com o sujeito, mesmo os fatos corriqueiros, deixa sua marca anotada, como ele bem comenta em *Nota sobre o bloco mágico* (FREUD, 2016). No entanto, o processo de rememorar inclui o ato de editar, transformar, esquecer ou ressaltar, isto é, ficcionalizar. Foi estudando as lembranças infantis que Freud propôs que o funcionamento de nossa memória é de natureza tendenciosa. Desta forma podemos incluir a proposição freudiana remetendo-a à *Psicopatologia da vida cotidiana*, obra na qual o psicanalista relaciona vários tipos de esquecimento, lapso e engano para ilustrar o quanto o sujeito elabora a memória, reinventando-a. Para Freud, memória não é a preservação de lembranças, mas o resultado da diferença entre o consciente e o inconsciente – o

sujeito lembra o que escapa ao sistema consciente (FREUD, 2018).-

Assim como a memória, a questão do olfato também surge precocemente na obra de Freud. Para ele, este componente está associado à sexualidade infantil e ao fetiche assim como a desordens sensoriais na histeria e nos estágios ontológicos da evolução do homem. Em sua fase pré-psicanalítica, Freud escreve uma carta ao amigo Fliess [carta 55], em janeiro de 1897, na qual ele estabelece uma relação entre o olfato e a sexualidade propondo que o cheiro portaria em si um componente parcial da libido (MASSON, 1996). Outra compreensão dessa carta a Fliess diz respeito à noção do olfato como parte integrante do instinto sexual no homem primitivo, função esta que foi sendo perdida conforme o desenvolvimento da espécie, em referência ao momento em que o homem passou a adotar uma postura ereta levando à desvalorização do olfato enquanto sentido sexual pela perda do contato direto do nariz com os odores do período menstrual. Neste momento surge a ideia de limpeza. Os maus cheiros provenientes dos excrementos que anteriormente estavam ligados aos impulsos sexuais passam a ser recriminados, punidos e associados à vergonha. A limpeza passa a habitar a cultura como um dos valores a serem adotados (BONOMI e BERLINCK, 2006).

A relevância do olfato como uma experiência constitutiva se manifesta desde o nascimento. Os bebês procuram o seio através do olfato. Supõe-se, portanto, que os bebês conhecem o cheiro do sexo da mãe assim como também distingue os pais pelos seus diferentes cheiros. Os odores estão envolvidos com experiências sexuais e somáticas fundamentais para o desenvolvimento psíquico, experiências corporais íntimas que participam da formação do Eu. O cheiro da mãe para a criança está associado a uma mistura de odores corporais nos quais predomina o cheiro do seio e o do leite. Passada esta fase inicial do bebê durante a qual a diferenciação em relação à mãe é parcial, o cheiro sexual da mãe vai estar presente nos cheiros do corpo: doces, sujos, cheiro de urina, de fezes, menstruação, vagina além de cheiros periféricos relativos à casa da mesma forma que há os cheiros que emanam do pai. Há algo da curiosidade sexual que se articula parcialmente com a diferenciação de odores (ABUD, 2007).

O sensorial olfativo é muito próximo dos registros de afeto ao longo da vida, tornando o olfato um signo valioso em sua articulação com o objeto. A sensação de satisfação ou deleite associada à experiência olfativa pode trazer o emblema do prazer no registro do desejo. Em contrapartida, quando a experiência olfativa se associa à vivência do abandono, a lembrança traz a marca do desamparo

do nascimento, uma noite escura quando o raiar da luz ainda era incerto e totalmente dependente do cuidado de outro. A possibilidade de guardar a sensação na ausência do objeto expressa o deslocamento simbólico, conferindo ao odor o poder de evocação que ultrapassa a lembrança precisa desse objeto. Ou seja, o odor se presta a deslocamentos e condensações. Uma vez sentido o odor, dele não se esquece mesmo depois de muito tempo. Ele faz parte de um contexto emocional e constitui a chave para se recriar este contexto. Freud considerava que as histéricas sofriam de reminiscências, nomeação importante quando consideramos a questão da memória e suas variantes. Trata-se aqui de vagas impressões relativas ao passado que flutuam em uma memória sensorial e afetiva. Nesse contexto, os odores se adequam bem a esta noção de reminiscências. Ao operarem por uma ligação metonímica e também metafórica com o objeto, possibilitam o deslocamento por contiguidade, além de também simbolizar o objeto (ABUD, 2007).

O cheiro das páginas

Como já foi dito, o romance de Alexandre Vidal Porto é marcado por um rastro de aromas. O autor nos apresenta o protagonista Constantino que, no prosclênio do seu palco, escolheu representar uma dramaturgia que julgara indispensável

viver, inserindo-se em uma estrutura familiar tradicional que ele mesmo constituiu e que lhe garantia o ingresso e a conformidade com o *modus operandi* que ele idealizou viver. Entretanto, nos bastidores desse teatro, exalam os aromas que lhe remetem a registros singulares de sua psique numa articulação regida pelo processo da memória involuntária.

A precoce experiência erótica vivida com seu professor de natação se faz presente até o momento final de sua vida, marcada pelo cheiro de cloro daquele momento que se tornou emblemático em seu percurso. Outras essências lhe marcaram, articuladas com seus desejos, conduzindo-o para situações de ambiguidade nem sempre experimentadas com facilidade, não raramente alternando culpa e prazer.

No romance, o cheiro do cloro emanado pelo corpo de seu professor de natação é o registro da primeira experiência erótica que lhe acompanhou desde a infância e se fez presente muitas vezes, *in natura* ou então deslocado para outros cheiros que, embora distintos, sempre o remeteram aos registros de sua sexualidade: o cheiro do perfume e do esperma de seu cunhado; o cheiro das mãos de seu massagista; o cheiro de sabonete de seu amante ocasional; o cheiro da pele; o cheiro do corpo homoerótico; o cheiro do cloro que volta ao final de seu percurso e traz o término da sua experiência de existir.

Há vários aromas na história pulsional de Constantino os quais carregam-no para as articulações próprias de sua psique, estruturadas em mediações simbólicas exclusivas da constituição de sua subjetividade. Este é o rastro que seguimos com o olfato ao lermos esse romance, pontuado por registros da memória involuntária que se torna o fio condutor desta história.

Ao seguir o percurso pulsional de seus aromas, Constantino se depara com um término sem luz, enevoado, que lhe faz tombar em câmara lenta no chão de uma sauna distante de seu país de origem. Neste momento, mais uma vez, o cheiro do cloro se faz presente. Sempre estrangeiro na história oficial construída para si mesmo, ele faz um voo derradeiro. Guiado por sua própria essência, Constantino vai encontrar a morte em um país estrangeiro e nos oferece seu relato póstumo como um registro de suas paixões.

Em *Cloro* há muitas referências a diversos olfatos que, de alguma forma, se articulam com questões referidas à sexualidade de Constantino, a personagem principal do romance. O cheiro de cloro como citação de destaque, inclusive por nomear o romance em questão, aparece logo no início quando Constantino fala de sua experiência na descrição da cena vivida com o professor de natação, sua primeira experiência de enredo fortemente erótico descrita no livro. Até o

dia de sua morte, diz o protagonista, ele se lembra do cheiro de cloro e do corpo do professor. Trata-se aqui de um nítido exemplo da memória involuntária de Constantino na qual a semelhança se dá por alguma coisa que, invisível, faz a mediação entre elementos distintos construindo equivalências estabelecidas por interferências simbólicas.

Até o dia de minha morte, porém, eu me lembrava do cheiro de cloro no corpo do professor de natação. Em minha memória, não há abraço mais antigo que o dele. Se você me perguntasse ontem, dez minutos antes de eu morrer, se eu ainda me lembrava do cheiro de cloro no corpo do professor de natação, minha resposta seria sim. Três vezes sim. Poderia descrevê-lo. Minha cabeça de criança contra seu peito molhado. Seus pelos. O vapor subindo da piscina aquecida, água morna entrando por minhas narinas. Eu nos seus braços, suas mãos no meu corpo, me segurando, me ensinando a nadar (PORTO, 2018, p. 17-18)

A história do protagonista do romance é marcada por muitos indicadores do conceito benjaminiano de memória involuntária – aquela que se manifesta sem o esforço ou intenção do sujeito que, na verdade, é capturado por ela. Em *A Imagem de Proust*, Benjamin (1985b) comenta que há uma certa tenacidade com a qual as recordações são preservadas no olfato. Mesmo que a maioria das recordações que buscamos seja de ordem visual, diz ele, há um camada mais profunda na memória involuntária na qual tais recordações se anunciam não mais isoladamente com imagens mas sim in-

formes, não visuais, indefinidas e densas “como o peso da rede anuncia sua presa ao pescador” (BENJAMIN, 1985b, p. 50).

Ainda que Constantino traga algumas vezes em sua narrativa a cena da piscina, suas articulações pulsionais são acionadas por registros diversos de natureza olfativa, além do cheiro do cloro. Por exemplo, o cheiro do perfume e do esperma de seu cunhado Silvio articulado com o arrebatamento de seu desejo sexual por ele.

Silvio sempre foi considerado bonito. [...] circulava no quarto de toalha, ou nu, despreocupadamente. [...] perfumava-se com vários jatos de uma colônia Paco Rabanne suave que sempre me fez lembrar do Guarujá. A nudez de Silvio despertava meu interesse. Nunca tive coragem de encará-la. Ainda assim, a conhecia de cor. Seria capaz de descrever o corpo peludo do meu cunhado. [...] Cedi ao impulso de aproximar meu rosto da mancha molhada que eles haviam deixado no lençol. Senti cheiro de água sanitária no esperma que meu cunhado havia acabado de ejacular. Não tive repugnância. Ao contrário, me entreguei àquele odor. (PORTO, 2018, p. 34-36)

O aroma do perfume é associado ao corpo, ao quarto, à cidade, e passa a significar essas instâncias, pois apenas com o odor ele acessa o mundo, sem precisar vê-lo, pois o sentido principal de sua memória é o olfativo.

Constantino também se refere às mãos do fisioterapeuta que ele reconhecia pelo cheiro e o prazer erótico delas em seu corpo em uma narrativa com fortes marcas de sua sexualidade e que se as-

semelham à descrição do toque das mãos do professor de natação em sua infância. E o odor é novamente suficiente para seu conhecimento sobre o outro.

Me recorda a [sensação] da maca morna na qual Narisawa-san, o fisioterapeuta, fazia shiatsu em mim. [...] A gente não trocava uma palavra além do necessário, mas eu conhecia seu cheiro. Gostava de suas mãos em mim. (PORTO, 2018, p. 46)

As marcas olfativas são tão estruturais na psique de Constantino que foram denominadas por ele de “odores da existência” e representam seu universo.

[...] faço listas de lembranças. Busco odores da existência para dar graça à inexistência: perfume de rosa, maresia, canela, percevejo, tangerina, chiclete de melancia, incenso da esquina da rua Augusta com a Alameda Lorenna, suor, cloro (PORTO, 2018, p. 46)

Para Constantino, mesmo um simples cheiro de sabonete de seu amante ocasional o conduz ao cheiro da pele e do hálito, o cheiro que se associa ao gosto do corpo saboreado com uma forte marca pulsional: o cheiro do corpo homoerótico.

Quando penso nessa noite, me vem à cabeça o cheiro do hálito dele [Alano], o cheiro do sabonete no pescoço, meu ou dele, não sei. (PORTO, 2018, p. 80)

[...]

Comecei a me relacionar com homens buscando sexo: sentir a pele, sentir o cheiro, sentir o gosto do corpo de outro homem. [...] entendi que o relacionamento já existia antes de eu conseguir nomeá-lo. (PORTO, 2018, p. 91-92)

As palavras inesquecíveis e os poemas que resistem

Aquele que esqueceu de si para ser o outro que a sociedade espera esmerasse em lembrar perfazendo sua narrativa na marca das “palavras inesquecíveis” (PORTO, 2018 p.48). Palavras articuladas, em uma cadeia metonímica, na narrativa que desliza de signo em signo até que, em determinado momento, conduz Constantino ao cheiro do cloro (ibid., 2018). Trata-se do cheiro de sua primeira experiência sexual recordada e que lhe articulou mais tarde com a sensação de verdadeiramente existir, descrita com o registro de uma epifania revestindo suas impressões com um envoltório poético como um sinal de resistência de sua subjetividade.

É um pouco como entender um poema, só que, dessa vez, a poesia acontece com vc. [...] Minha relação com Emílio me fez perder a memória de quem eu era. Com ele, eu pensava no que queria ser, não no que até então havia sido. Ele me deu sentido de possibilidade, me abriu sentimentos que eu não sabia que existiam e aos quais eu não sabia se sobreviveria. (PORTO, 2018, p.89)

O odor e suas marcas nas experiências constitutivas da sexualidade de Constantino sempre se fizeram presentes de modo estruturante em sua subjetividade, por exemplo, quando ele textualmente diz que começou a se relacionar com homens buscando sexo: sentir a pele, sentir o cheiro, sentir o

gosto do corpo de outro homem, como já destacado acima. O cheiro do prazer: seja o cheiro do cloro em sua vivência sexual infantil assim como também o cloro no momento final da vida quando Constantino descreve sua experiência na sauna no Japão e, nesse momento, como uma recordação que se faz mais uma vez imperiosa, ele associa tal odor ao professor de natação, sua experiência infantil associada ao prazer.

Subi um lance de escadas até a recepção e tudo aconteceu como eu tinha lido na página eletrônica da sauna. [...] Resoluto, avancei para o guichê de entrada com o tíquete na mão. [...] Algumas [piscinas] passavam por limpeza. Senti o cheiro de cloro que exalava da lavagem. [...] Fiquei desconcertado pela escuridão. [...] Esperei que meus olhos se acostumassem à falta de luz. Quando isso aconteceu, divisei contra a parede um banco de azulejos, no qual me sentei. Fechei os olhos. O cheiro de cloro seguia em minhas narinas. [...] Pensei no professor de natação (PORTO, 2018, p. 106-107)

Os odores das pulsões de Constantino conflituosamente colidiam com suas próprias interdições e com o mundo exterior. Seus desejos eram dissonantes com o “kit de homem” que lhe foi apresentado pela cultura e que ele adquiriu, no qual se incluía um casamento heterossexual e filhos. Esse era o panorama de perfeição e adequação social no qual ele tentou viver. Levou algum tempo, algo ao redor de cinquenta anos, para ele perceber que “na vida não há controle”, um aprendizado que lhe foi imposto por

suas pulsões “da forma mais dolorosa” (PORTO, 2018, p.32).

O confronto de suas forças pulsionais com os papéis definidos pela cultura e as interdições impostas ao seu desejo lhe trouxeram algum grau de inconformidade ao qual Constantino respondia alternando prazer e culpa sob a regência do mal-estar. No trecho citado abaixo, o narrador recorre ao verbo sufocar articulando-o com a sexualidade que não podia ser expressa. Equivalendo a reprimir, sufocar, respirar, aspirar, olfato, odores, pulsões, ou seja, elementos que integram sua memória involuntária, em conexão com a sexualidade vital de sua personagem. Na batalha pulsional entre Eros e Tanatos, este triunfou. Sexo, uma pulsão cuja bula ele não soube seguir.

Sempre me sentira sufocado: com tanto dentro de mim e sem possibilidade de expressão. Nunca mencionei nada de minhas experiências homossexuais. Nunca tive um terapeuta. Até este meu relato, ninguém além dos meus amantes jamais soube de nada. Foi a morte que me liberou. (PORTO, 2018, p. 83)

O prazer experimentado por Constantino como proibido lhe encaminhou para a última cena, a morte. O narrador nos traz seu momento final como resultante mais de sua própria ação decorrente dos conflitos entre o imperativo de seu desejo e as interdições relacionadas do que algo tributário do acaso, acarretando um matiz trágico para o final de sua existência. A morte de Constantino não aponta para

a restauração do equilíbrio. Pelo contrário, alerta para o fato que algo anárquico pode novamente – e sempre – se instalar em decorrência do caos humano, pois o trágico é inerente à existência.

A memória involuntária de Benjamin é aquela que não se articula com mecanismos governados pela razão. Ela permanece em estratos mais profundos do aparato psíquico até ser convocada por alguma ocorrência que lhe traz de volta para as camadas da psique nas quais consegue ser reconhecida por correspondência e, não, por uma relação causa-efeito. Em *Cloro* (PORTO, 2018), vemos os traços olfativos da memória involuntária que se fazem presentes por símiles, analogias, semelhança não-sensíveis, ou seja, não traduzem em si um processo de natureza imitativa de algo que esteja relacionado à atividade dos cinco sentidos. Na memória involuntária, a semelhança se dá por alguma coisa que, embora invisível, faz a mediação entre dois elementos distantes. Trata-se aqui da construção de equivalências, não de identidades. Na mimesis não há cópias, mas equivalências que se estabelecem por interferências simbólicas. No que se refere ao conceito de memória involuntária de Benjamin que exala das páginas de *Cloro* (ibid., 2018), o que vale é o elemento que está presente no processo de equivalência articulado com a singularidade de Constantino, não com algo situado no mundo exterior, e que

representou o fio condutor da história do protagonista do romance até o momento final de seu percurso. É o cheiro da alma de Constantino que o conduz na vida.

The Remedy and the leaflet: the involuntary memory and the smell in *Cloro*, by Alexandre Vidal Porto

Abstract

This essay aims at exploring the novel *Cloro* by Alexandre Vidal Porto taking Walter Benjamin's concept of involuntary memory as a reference for the writing. Gagnebin's understanding about that concept as well as Sigmund Freud's theory about memory were also taken into consideration. This novel presents Constantino as its main character. His existence is driven by sexuality-related conflicts in which some particular smells do stamp his road through specific memories that are core for building up his life.

Keywords: *Cloro*; Memory; Walter Benjamin; Sigmund Freud; Alexandre Vidal Porto.

Referências

- ABUD, C.C. . Podemos falar em pulsão olfativa? *Revista Percurso*, São Paulo, ano XX, n. 39, dez.2007
- BENJAMIN, W. A capacidade mimética. In: *Humanismo e Comunicação de massa*. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro 1970.
- BENJAMIN, W. A doutrina das semelhanças. In: *Obras Escolhidas*. Vol I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985a.

BENJAMIN, W. A imagem de Proust. In: *Obras Escolhidas*. Vol I. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985b.

BENJAMIN, W. Sobre o conceito da história. In: *Obras Escolhidas*. Vol I. Editora Brasiliense, 1985c

BENJAMIN, W. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. In: *Obras Escolhidas*. Vol III. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

BONOMI, T. e BERLINCK, M. O mau cheiro como estratégia de sobrevivência. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 420-436, set 2006

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

FREUD, S. Nota sobre o bloco mágico. In *Obras Completas de Sigmund Freud*. vol. 16. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. Psicopatologia da vida cotidiana. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GAGNEBIN, J. Do conceito de mimesis no pensamento de Adorno e Benjamin. *Perspectivas*, São Paulo, v. 16, p. 67-86, 1993

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.

PORTO, A.V. Cloro. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

PORTO, A. Os bastidores de Cloro. Pernambuco: Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5esanteriores/67-bastidores/2190-os-bastidores-de-cloro,-de-alexandre-vidal-porto.html>. Acesso em 01/05/2021.

SCHOLLHAMMER, K. Ficção brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.